

Docência, pesquisa e formação na Educação Profissional e Tecnológica: a modo de apresentação

Francisco das Chagas Silva Souza

chagas.souza@ifrn.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9721-9812>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
Mossoró-RN, Brasil.

Mariana Santana Santos Pereira da Costa

mariana.costa@ifrn.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-2645-1083>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
Natal, Brasil.

Marco Antônio de Carvalho

marco.carvalho@ifgoiano.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5127-5886>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano)
Posse, Brasil.

Recebido: 30/08/2022

Aceito: 15/09/2022

*Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria mas se precisa ir trabalhar
Essa rotina em toda firma começa às sete da manhã
Patrão reclama e manda embora quem atrasar
Trabalhador, Trabalhador brasileiro
Dentista, frentista, policia, bombeiro
Trabalhador brasileiro
Tem gari por aí que é formado engenheiro
Trabalhador brasileiro, Trabalhador
E sem dinheiro vai dar um jeito
Vai pro serviço
É compromisso, vai ter problema se ele faltar
Salário é pouco, não dá pra nada
Desempregado também não dá
E desse jeito a vida segue sem melhorar
[...]
(Trabalhador - Seu Jorge)*

Abrimos a apresentação dessa edição especial da Revista Paradigma com um trecho da composição “Trabalhador” do cantor e compositor Seu Jorge, nome artístico de Jorge Mário da Silva, afro-descendente, nascido em uma comunidade de Belford Roxo, Rio de Janeiro, em 1970. Como tantos outros meninos pobres, afrodescendentes e moradores de periferia, Jorge começou a trabalhar com dez anos de idade em vários tipos de emprego, porém, aos poucos, profissionalizou-se cantando na noite. Diante de dificuldades financeiras,

Seu Jorge passou a morar na rua por volta de sete anos, até que, no teatro conseguiu se sobressair e ganhar fama nacional e internacional como ator, compositor e cantor. Em entrevista concedida ao Programa Roda Viva, Seu Jorge narra as dificuldades vividas por um sujeito em situação de rua, tendo que fazer pequenos “bicos” por um prato de comida, e o preconceito sofrido por um preto, como ele, ao entrar em um transporte urbano.

Assim, é a partir da vida de Seu Jorge que abrimos o debate acerca da formação para o trabalho no Brasil, onde tantos outros Jorges, meninos e jovens pretos, pobres e moradores de comunidades, estão na sua luta diária pela sobrevivência, muitos seduzidos pelo dinheiro “fácil” de ganhar na criminalidade, como o Chico Buarque mencionou nas composições “O meu guri” e “Pivete”¹.

Se o menino Jorge tivesse nascido em 1909, por ser filho de “desfavorecidos da fortuna”, talvez tivesse se tornado operário ou contra-mestre em uma Escola de Aprendizizes Artífices, criadas naquele ano pelo Presidente da República Nilo Peçanha. Lá, ele receberia “o indispensável preparo técnico e intelectual”, de modo que adquirisse “hábitos de trabalho profícuo”, que o afastaria da “ociosidade ignorante, escola do vício e do crime”, conforme o Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909 (BRASIL, 1909).

Contudo, talvez o menino Jorge tivesse que evadir, como tantos outros “Jorges” o fizeram, pois frequentar a escola era um luxo que a maioria de crianças de sua origem social não tinha, afinal, por ser um pobre e descendente de escravos não lhe restava outra coisa se não trabalhar para ajudar a manter a família, ou mesmo, a cometer alguns delitos: roubar comida, por exemplo.

De 1909, quando o governo republicano se preocupou em criar uma escola para formar trabalhadores, a 2022, muita coisa mudou, apesar das disparidades sociais e das várias formas de exclusão. Aquelas 19 Escolas de Aprendizizes Artífices (EAA) transformaram-se, mais tarde, em Liceus Industriais e estes, ao longo da segunda década do século XX e primeira do XXI, converteram-se em Escolas Industriais, Escolas Técnicas Federais, Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (CEFET) e hoje Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica (IF), compondo uma Rede com 40 instituições. Segundo dados do Ministério da Educação, em 2006, havia, no Brasil, 144 unidades de ensino profissional, em 2019 esse total era de 661 unidades em todo o país, portanto, um aumento de 459% (BRASIL, 2019).

¹ Em ambas as composições, Chico Buarque explora a realidade de crianças e adolescentes de comunidades cariocas, que, por falta oportunidades de formação profissional e pela necessidade de ajudar na renda familiar, acabam se envolvendo no mundo do crime e do tráfico de drogas. (CHICO BUARQUE, 1978, 1981).

Importa destacar a relevância social da expansão e, sobretudo, da interiorização das instituições de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) por permitir à população mais oportunidades de acesso à escolarização e à formação superior, reconhecidamente de qualidade, em vários níveis, haja vista que nas instituições que hoje compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (criada oficialmente pela Lei nº 11.892/2008) há a oferta de cursos técnicos de nível médio nas formas Integrada, Subsequente e Concomitante; cursos superiores de licenciatura, de tecnologia e de bacharelado; além de cursos de pós-graduação em níveis *lato* e *stricto sensu*. Também não podemos esquecer o compromisso dessa Rede com a inclusão social, como o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) e os Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), por meio do qual o Programa Mulheres Mil formou milhares de mulheres em todo o território nacional, tirando muitas destas da condição de ser só mais uma dentre tantas “Marias Josés”² como foram suas mães, avós, bizavós...

Obviamente, não pretendemos, com este número especial da Revista Paradigma, descrever o paraíso. Apesar de os IF representarem uma “revolução na Educação Profissional e Tecnológica” como salienta Pacheco (2011), estamos tratando de uma rede de instituições de ensino, criada há mais de um século e moldada para cumprir os mais diversos interesses e políticas governamentais. Assim, a atual Rede Federal enfrenta dificuldades relacionadas aos tipos de oferta, à formação continuada do seu quadro de servidores, às disputas internas no tocante ao currículo, ao desenvolvimento de metodologias que integrem teoria e prática, à superação da dicotomia entre formar para o mercado ou para o mundo do trabalho, dentre outros impasses.

Diante desse cenário não tão harmonioso, apesar dos inegáveis avanços sociais trazidos pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, propomos, com esse número especial da Revista Paradigma, um espaço de reflexão, de autoavaliação, mas também de construção de utopias. Consideramos que os progressos e as limitações enfrentadas por essa Rede, na atualidade, necessitam de estudos que, não apenas expunham experiências de ensino inovadoras, reflexivas e comprometidas com a transformação social; mas também questionem as políticas educacionais embasadas na pedagogia do capital e no

² Estamos fazendo menção ao curta-metragem “Vida Maria”, produzido por Márcio e Joelma Ramos com o apoio do Governo do Ceará. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em: 9 set. 2022.

conservadorismo que marcaram e que, cada vez mais, aprofundam-se no início da terceira década do século XXI.

Em face do exposto, temos aqui 43 artigos de pesquisadores do campo trabalho-educação – preferimos, como Ciavatta (2019), manter o hífen ao invés da conjunção “e” – que se dispuseram a pensar a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. São 112 investigadores de todas as regiões brasileiras e envolvidos em vários Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, mas também de algumas universidades internacionais que contribuíram para que esse desafio se realizasse.

Considerando o volume de contribuições desses autores, para melhor apresentar os artigos, organizamo-los em 2 grandes temas: História e políticas públicas para a EPT; e docência e práticas pedagógicas na EPT. No entanto, salientamos que essa divisão não é estanque, visto que todos os artigos estão relacionados entre si e não podem ser compreendidos de modo isolado.

1. História e políticas públicas para a EPT

Uma parte dos artigos deste número da Revista Paradigma tratam da história da EPT e da relação desta com as políticas educacionais criadas ao longo de mais de um século, desde a criação das 19 Escolas de Aprendizes Artífices (EAA), em 1909, em um cenário histórico marcado por uma série de transformações políticas e socioeconômicas. O fim da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889, aceleraram o processo de urbanização e de industrialização sobretudo no centro-sul do Brasil. *Pari passu* a esse processo, também crescia a organização dos trabalhadores em sindicatos e as mobilizações grevistas. Era preciso conter essas ações e as EAA serviriam a esse fim, como fica claro quando analisamos o texto do Decreto nº 7.566/1909. Evidencia-se, desse modo, como faces de uma mesma moeda, a imbricação entre o cenário histórico e as tomadas de decisões políticas.

A relação entre o contexto histórico e as políticas educacionais fica expressa nos estudos aqui apresentados quando são analisadas as práticas de formação para o trabalho em distintos espaços e temporalidades. Mediante estudos de abrangência local, nacional ou internacional, os pesquisadores discutem modos de como o “ensino técnico” ou “ensino profissionalizante” (a denominação variou ao longo do tempo) foi percebido no século passado. As questões colocadas pelo tempo presente levaram alguns autores a analisar a formação e precarização do trabalho docente na EPT, os efeitos da contrarreforma do Ensino Médio e as resistências aos rebatimentos trazidos para a classe trabalhadora em tempos de

ascensão da direita e de defesa da escola do partido único.

Como “sinal dos novos tempos” da Rede, quando se defende (embora não unanimamente) uma formação do trabalhador para além da pedagogia do capital, alguns pesquisadores voltaram suas atenções para as políticas de inclusão social, para as produções acadêmicas nas editoras dos Institutos Federais e a importância das bibliotecas na formação de leitores e para a pesquisa como princípio educativo (DEMO, 2017) nessas instituições. Não é demais lembrar que uma formação omnilateral passa pela consistente formação científica e tecnológica dos educandos, presentes em mais de uma dezena de textos que apresentamos.

2. Docência, currículo e práticas pedagógicas na EPT

Um outro elemento que caracteriza os artigos desse número da Revista Paradigma diz respeito à docência, ao currículo e às práticas de ensino-aprendizagem na EPT, todos temas muito caros para os pesquisadores das áreas de Educação e de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Consideramos que, como no item anterior, essas temáticas são bastante amplas e trazem em seu bojo uma série de debates que muitas vezes não são pacíficos.

No que tange à formação inicial e continuada dos docentes que atuam na EPT, a literatura geralmente enfatiza a necessidade de políticas mais consistentes e contínuas, visto que, em geral, essa formação tem se caracterizado por ser sempre de curta duração e adjetivada de “emergencial” e “especial” (MACHADO, 2008; KUENZER, 2011; OLIVEIRA, 2016; SILVA; SOUZA, 2017; SOUZA; RODRIGUES, 2017; PIRES, 2020).

Infelizmente, essa situação tende a se agravar com o aprofundamento das projeto neoliberal no Brasil e, por conseguinte, a influência direta deste na educação. A reforma do Ensino Médio, aprovada em 2017, é um exemplo bem claro disso. Outrossim, nas últimas resoluções do Conselho Nacional de Educação fica clara a ênfase dada ao notório saber, de modo que a experiência vem passando a ser mais importante que a formação pedagógica para atuar na EPT. Logo, o cenário que tem se construído paulatinamente na EPT é de precarização, e isso exige resistência. Em face aos itinerários formativos, a bandeira a se defender é a da formação omnilateral, de modo que o educando seja visto em sua completude. Mas como isso pode ser posto em prática sem docentes preparados para tal? Esse questionamento nos remete à terceira Tese para Feuerbach, escrita por Marx e apresentada em anexo na obra “A ideologia alemã” (2001, p. 100, grifo nosso):

A doutrina materialista que pretende que os homens sejam produtos das circunstâncias e da educação, e que, conseqüentemente, homens transformados sejam produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que *o próprio educador precisa ser educado*.

Kuenzer (2011, p. 678) endossa a afirmação de Marx ao considerar que o professor é, a um só tempo, sujeito e objeto da formação: “[...] objeto, enquanto sua formação e exercício do seu trabalho implicam uma boa dose de adesão ao projeto capitalista; sujeito, [pois] [...] pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de formular, pelas mediações do conhecimento e da organização coletiva, outro projeto de sociedade”.

Esse debate permeia direta e indiretamente uma parte considerável dos artigos aqui presentes, sobretudo aqueles que tratam de currículo e das práticas de ensino-aprendizagem no Ensino Médio Integrado. Ressaltamos que é nesta forma de articulação entre as disciplinas da formação geral e as das áreas técnicas que podemos construir a utopia de, pelo menos, minimizar a dualidade presente na educação brasileira (embora não só nesta) que isola a teoria da prática.

Baseamo-nos na compreensão de utopia de Paulo Freire, que, segundo Gadotti (1996, p. 81), foi chamado certa vez de andarilho da utopia. “A utopia estimula a busca: ao denunciar uma certa realidade, a realidade vivida, temos em mente a conquista de uma outra realidade, uma realidade projetada. Esta outra realidade é a utopia”. Nessa direção, Freire (2014, p. 77) afirma:

Nunca falo da utopia como uma impossibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia, pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano. Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindam, em condições normais, do sonho e da utopia.

Em face do exposto, vamos assim caminhando, planejando, construindo e reconstruindo possibilidades para alcançarmos o inédito viável. Para tanto, precisamos seguir na luta confrontando, denunciando e resistindo às situações que impeçam a realização do projeto a se realizar.

Na contracorrente aos interesses do capital, os artigos desse número especial da Revista Paradigma, alertam para uma formação que perceba os seres humanos na sua integralidade, tratando-os com o devido respeito e dignidade, independentemente de cor, credo ou orientação sexual. Ademais, precisamos atentar para o fato de que trabalhador apresentado na composição de Seu Jorge está mais presente que nunca na nossa sociedade.

São homens e mulheres submetidos a jornadas extenuantes de trabalho, subempregados, precarizados e a serviço de uma lógica cruel trazidas pelas mutações do mundo do trabalho, como bem analisa Antunes em várias de suas obras (1999; 2018; 2020).

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Crêa nas capitães dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito. Rio de Janeiro, DF, 1909. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf Acesso em: 9 set. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/> Acesso em: 9 set. 2022.
- CHICO BUARQUE. Chico Buarque. **Pivete**. Compositores: Chico Buarque e Francis Hime. São Paulo: Polygram/Philips, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45163/> Acesso em: 10 set. 2022.
- CHICO BUARQUE. Almanaque. **O meu guri**. Compositor e Intérprete: Chico Buarque. São Paulo: Ariola/Philips, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45163/> Acesso em: 10 set. 2022.
- CIAVATTA, Maria. Trabalho-Educação – uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 17, n. 32, p. 132-149, 28 mar. 2019. <https://doi.org/10.22409/tn.17i32.p28306>
- DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. São Paulo: Autores Associados, 2017.
- FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2014. p. 77-78.
- GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.
- KUENZER, Acácia Zeneida. A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 667- 688, jul./set. 2011.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2008. <https://doi.org/10.15628/rbept.2008.2862>.
- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia**

alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99-104.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. A formação de professores para a Educação Profissional e o Plano Nacional de Educação (PNE): quais as perspectivas? **Holos**, Natal, v. 6, p. 145-155, 2016. <https://doi.org/10.15628/holos.2016.4987>.

PACHECO, Eliezer. Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica. In: PACHECO, Eliezer (Org.). **Institutos Federais**. Brasília: Fundação Santillana; São Paulo: Moderna, 2011. p. 13-32.

PIRES, Fabíula Tatiane. A formação e atuação docente dos professores da Educação Profissional e Tecnológica: o que revelam as pesquisas dos últimos dez anos?. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 2, n. 17, p. e8573, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2019.8573>.

RAMOS, Márcio; RAMOS, Joelma. **Vida Maria**. [s; l.] 2007. 1 vídeo (8:35 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 Acesso em: 9 set. 2022.

SEU JORGE. Entrevista concedida ao Roda Viva. TV Cultura, São Paulo, 14 nov. 2005. 80 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGxPwkGAf-k> Acesso em: 10 set. 2022.

SEU JORGE. América Brasil. **Trabalhador**. Compositor: Seu Jorge. Londres: EMI Records, 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/seu-jorge/1089734/> Acesso em: 10 set. 2022.

SILVA, Silvia Helena dos S. Costa e.; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Bacharéis que se tornam professores: inserção e prática profissionais de engenheiros no ensino superior. **Holos**, Natal, v. 5, p. 197-213, 2017. <https://doi.org/10.15628/holos.2017.4033>.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; RODRIGUES, Iaponira da Silva. Formação de professores para educação profissional no Brasil: percurso histórico e desafios contemporâneos. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 621-638, 2017. <https://doi.org/10.20396/rho.v17i2.8644682>.

Editores convidados

Francisco das Chagas Silva Souza

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Leciona nos Programas de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN), em Ensino (Posensino) e em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Tem experiência com pesquisas no campo da Educação Profissional, formação docente e História da Educação.

E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9721-9812>

Mariana Santana Santos Pereira da Costa

Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre e Doutora em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente de Biologia do IFRN e pesquisadora e orientadora dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Ensino de Ciências Naturais na Educação Básica e Educação Ambiental e Geografia do Semi-Árido do IFRN. Atua nos seguintes temas: Ensino de Ciências e Biologia, Educação Ambiental, Experimentação, composição

química e atividades biológicas de biomoléculas extraídas de algas marinhas.

E-mail: mariana.costa@ifrn.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2645-1083>

Marco Antônio de Carvalho

Professor Titular do Instituto Federal Goiano. Possui graduação (1987) e mestrado (1992) em Administração Rural pela Universidade Federal de Lavras. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Conceito CAPES 5). Pós-doutor en el currículu y la formación profesional agrícola en Cataluña del Departamento de Didáctica de las Ciencias Sociales - Facultat de Educació - Universitat Autònoma de Barcelona. Atua no mestrado profissional em educação profissional e tecnológica em temas relacionados à formação profissional, ensino agrícola, educação e mundo do trabalho e gestão educacional. Docente do Mestrado Profissional em Rede em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

E-mail: marco.carvalho@ifgoiano.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5127-5886>

Como citar o artigo:

SOUZA, F. das C. S.; COSTA, M. S. S. P. da; CARVALHO, M. A. de. Docência, pesquisa e formação na Educação Profissional e Tecnológica: a modo de apresentação. **Revista Paradigma**, Maracay, v. 43, Edição Temática 3, p. 1-9, sep., 2022.